

**BILINGUISMO E IDENTIDADE:
A INFLUÊNCIA DA CULTURA LOCAL NOS APRENDIZES
DE LE EM CONTEXTO DE IMERSÃO**

***BILINGUALISM AND IDENTITY:
THE INFLUENCE OF LOCAL CULTURE ON FL LEARNERS IN
AN IMMERSION CONTEXT***

Pedro Henrique Andrade de Faria¹(UFG)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo identificar e analisar de que forma as diferenças culturais influenciam na aprendizagem de português como língua estrangeira e, além disso, como as identidades são ressignificadas ao entrarem em contato com uma diferente língua e um diferente contexto sociocultural. Nesse caminho, utilizamos referência bibliográfica dedicada ao bilinguismo e as implicações culturais para o ensino de uma língua estrangeira (GROSJEAN, 2008/2010; KRAMSCH, 1993), a construção das identidades conforme proposto por Hall (2000/2005) e suas implicações na aquisição de uma LE conforme proposto por Norton Pierce (1995). Para isso entrevistamos dois estrangeiros, intercambistas de uma universidade pública brasileira em contexto de imersão, bilinguismo e aprendizado de PLE. Os resultados nos levaram para a proposição de três eixos significativos que destacam as situações de bilinguismo, as relações interpessoais e o sentimento de pertencimento.

Palavras-chave: *Bilinguismo. Identidade. Cultura. Português como língua estrangeira (PLE).*

Abstract: *This article aims to identify and analyze how cultural differences influence the learning of Portuguese as a foreign language and, in addition, how identities are re-signified when they come into contact with a different language and a different sociocultural context. In this way, we used a bibliographical reference dedicated to bilingualism and the cultural implications for the teaching of a foreign language (GROSJEAN, 2008/2010; KRAMSCH, 1993), the construction of identities as proposed by Hall (2000/2005) and its implications in the acquisition of an FL as proposed by Norton Pierce (1995). For this, we interviewed two foreigners, exchange students at a Brazilian public university in the context of immersion, bilingualism and PLE learning. The results led us to propose three significant axes that highlight situations of bilingualism, interpersonal relationships and the feeling of belonging.*

Keywords: *Bilingualism. Identity. Culture. Portuguese as a foreign language (PLE).*

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da rede privada de ensino na cidade de Goiânia. E-mail: phandradefaria@gmail.com

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

Introdução

Nas últimas décadas, a globalização e a revolução dos meios de comunicação permitiram que sociedades, culturas, línguas e sujeitos entrassem em contato de diferentes formas e se aproximassem. Tal fenômeno fez com que países e centros de estudo no sul global começassem a ser procurados também para receberem estudantes em situação de intercâmbio. No Brasil, acordos diplomáticos foram firmados – mesmo que, nos últimos anos, políticas públicas e acordos tenham sido precarizados – o que proporcionou um acréscimo no número de estudantes brasileiros que foram fazer intercâmbio acadêmico e de estudantes estrangeiros que vieram fazer intercâmbio em nosso país.

As universidades brasileiras começaram não só a receber e enviar estudantes, mas também a impulsionar a troca de informação e tecnologias que ampliou os debates acadêmicos e fomentou a pesquisa no país. Um dos campos impulsionados foi o ensino de português como línguas estrangeira (PLE). Não somente pesquisas, mas centros de ensino nas universidades começaram a dedicar especial atenção para o ensino de PLE, que deixou de ser algo esporádico para ser tornar algo comum, não só com os intercambistas das universidades, mas também com o aumento do número de imigrantes.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a influência da cultura brasileira na identidade de aprendizes de PLE em situação de bilinguismo. Ao longo do estudo, buscamos identificar as possíveis diferenças e semelhanças entre a cultura dos aprendizes e a cultura brasileira e de que forma o confronto entre essas culturas influencia na identidade dos indivíduos e facilita ou dificulta a aquisição de PLE.

Desse modo, abordaremos o conceito de bilinguismo proposto por Grosjean (2008/2010), os aspectos culturais e suas várias implicações no aprendizado de língua estrangeira (LE) e a formação da identidade conforme proposto por Hall (2000/2005) e suas implicações na aquisição de uma LE, de acordo com Norton Pierce (1995).

O Bilinguismo

Quando perguntamos a uma pessoa, que não estuda questões referentes ao bilinguismo, o que seria ser bilíngue, é comum encontrarmos respostas como: “uma pessoa

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

bilíngue é uma pessoa fluente em duas línguas”, “é aquele que fala duas línguas”, “bilíngue é aquele que lê, escreve, fala e compreende bem duas línguas” etc. Tais visões, segundo Grosjean (2010), na verdade, são mitos que percorrem a cultura popular sobre o que seria uma pessoa bilíngue e não dizem o que realmente é um bilingue.

Entender o bilinguismo no contexto atual vai além da abordagem das práticas tradicionais discutidas na literatura, pois envolvem situações mais complexas, como cultura, educação, contexto socioeconômico, políticas públicas, além das questões neurolinguísticas e psicolinguísticas. Segundo Garcia (2009), é preciso questionar hipóteses estudadas no bilinguismo e os termos para descrevê-lo. Sendo assim, é necessário problematizar a visão tradicional sobre o que é ser bilíngue para ampliarmos o entendimento a respeito do uso linguístico de duas ou mais línguas feito por uma pessoa e/ou grupo social.

De acordo com Grosjean (2008), o bilinguismo não é fenômeno presente em poucos países como muitos acreditam. Para este autor, o bilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo. O autor considera, então, bilíngue aquela pessoa que usa duas ou mais línguas (ou dialetos) em seu cotidiano. Também afirma que bilíngue não é apenas aquele que domina as quatro principais habilidades linguísticas (produção oral, compreensão oral, leitura e escrita), muito menos a junção de dois monolíngues, ou seja, uma pessoa que fala duas línguas em nível de língua materna. Segundo Grosjean (2008):

Os pesquisadores estão começando, agora, a ver o bilíngue não mais como a soma de dois (ou mais) monolíngues, completos ou incompletos, mas como um falante-ouvinte específico, completamente competente e que desenvolveu uma competência comunicativa equivalente à do monolíngue, embora de natureza diferente. Essa competência pressupõe o uso de uma língua, de outra, ou das duas juntas. (p.165)

Desse modo, a visão de que o falante de uma língua estrangeira deve ter a mesma proficiência que um nativo começa a ser vista como irreal. Os bilíngues, de acordo com Grosjean (2008), irão desenvolver as habilidades comunicativas conforme a necessidade de seu uso. Como usam suas línguas nos mais variados contextos com as mais variadas situações, cada bilíngue desenvolverá aquela habilidade que lhe for mais útil. O bilinguismo não está, portanto, restrito aos grupos e/ou territórios em que uma lei ou a proximidade de fronteiras geográficas possibilitam o transitar entre duas ou mais línguas, mas sim entre aqueles em que o seu repertório linguístico lhe permite estar entre duas ou mais línguas de

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISTO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

acordo com as diversas necessidades contextuais e pessoais. O sujeito ou a sociedade bilingue desenvolve os usos nas línguas conforme suas necessidades, assim é natural que encontremos bilingues que consigam falar e ter uma compreensão oral muito boa, mas não consigam escrever e ler, ou aqueles que escrevem e leem bem, mas não conseguem falar ou entender aquilo que é dito (GROSJEAN, 2010).

Quanto ao estabelecimento formal do bilinguismo em um país ou o uso de grande parcela da população daquele território de duas ou mais línguas, devemos considerar diversos fatores, como questões culturais, socioeconômicas, construção da sociedade, proximidade entre diferentes grupos étnicos, a distribuição geográfica das línguas dentro do território e as políticas linguísticas desenvolvidas. Tais fatores fazem com que a homogeneidade do bilinguismo seja desmistificada, uma vez que as condições e o desenvolvimento dos sujeitos e das línguas são coconstruídos de maneira singular para atender aos objetivos comunicativos dos falantes e de suas sociedades. Grosjean (2010) cita exemplos em que as fronteiras geográficas do uso das línguas estão tão bem delimitadas que apenas os habitantes das zonas fronteiriças entre essas áreas são bilingues, ou grupos que possuem mais de uma língua oficial, no entanto a população usa uma das línguas apenas em contexto educacional e nos demais ambientes ou situações em que apenas a elite de um grupo social consegue transitar entre línguas, ou lugares em que o bilinguismo está amplamente difundido pelo território de um Estado.

A necessidade do uso de duas ou mais línguas, vai depender dos contextos de uso. Segundo Grosjean (2010), bilingues costumam adquirir e usar as suas línguas para fins diferentes, em diferentes domínios da sua vida e com pessoas diferentes. Assim, para expressar diferentes aspectos da sua vida, muitas vezes, se requer o uso de línguas diferentes. Quanto maior for o número de ambientes que exigem a alternância das línguas, maior será a possibilidade de ocorrer o bilinguismo.

Por fim, outro ponto importante que merece ser discutido é a aceção do termo bilinguismo que, muitas vezes, é utilizado para se referir apenas aos falantes que dominam mais de duas línguas. Nesse caminho, Grosjean (2010) propõe que ampliemos essa visão do termo, adotando o termo para se designar às pessoas ou grupos que fazem uso de duas ou mais línguas em seu cotidiano, isso, pois, segundo o autor, o uso de duas ou mais línguas está

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

associado a diferentes possibilidades e diferentes objetivos. Assim, o autor se distancia da visão homogênea do bilinguismo baseado no conhecimento estrutural da língua e avança em uma perspectiva do uso das línguas.

Em nosso contexto de pesquisa, consideramos os participantes como bilíngues, pois todos usam duas ou mais línguas em seu cotidiano em contextos diferentes. Além disso, os consideramos biculturais à medida que incorporam a cultura brasileira à sua cultura materna, mesmo que, em alguns casos, a influência da cultura brasileira seja menor. Sobre cultura e o aprendizado de uma LE trataremos no próximo tópico deste estudo.

Cultura e Aquisição de Língua Estrangeira

A aquisição de língua está diretamente ligada à cultura à medida que, segundo Vygotsky (2000), o indivíduo, em ambiente sociocultural, desenvolve-se através das trocas estabelecidas por meio de instrumentos e símbolos, sendo a linguagem a principal forma de trocas significativas. Nesse sentido, Kramsch (1993) afirma que o uso de uma língua não pode ser desassociado da criação e transmissão da cultura.

As situações de aquisição de uma LE colocam o indivíduo em processos significativos, em que concepções de discurso vão sendo constituídas socialmente e negociadas através da interação entre os sujeitos (CONTIN, 2009), que envolvem instâncias afetivas e cognitivas, todas estas envolvidas em situações identitárias e culturais pertencentes aos sujeitos. Nas palavras de Contin (2009), “um indivíduo em processo de aprendizagem de língua passa por mudanças culturais, sociais e linguísticas” (p.51), sendo a cultura, assim como a língua, responsável por oferecer aos aprendizes experiências subjetivas com representações simbólicas que os orientem nas relações sociais. (MENDES, 2009).

O aprendiz não entra em contato apenas com os aspectos linguísticos da língua-alvo, mas também com a cultura daquela língua. No entanto, é preciso entender que, na aquisição e/ou aprendizagem de uma LE, em muitos casos, a cultura a ser disseminada é aquela da nação, ligada ao Estado-nação, com maior destaque econômico e político. Segundo Cruz (2009), a escolha da cultura eleita para o ensino de uma LE “não recai em qualquer

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

cultura de povos falantes daquela língua, mas sim nas culturas hegemônicas dos povos cujas economias exercem poder no mapa mundi” (p.156).

Neste estudo, como Loveday (1981) citado por Corbett (2003), entendemos cultura como o que envolve normas implícitas e convenções de uma sociedade além de considerar seu *ethos* (costumes de um povo) como algo historicamente transmitido. Desse modo, as normas, as crenças, as práticas e a língua de um povo não são estáticas, mas estão sempre em processo de (re)negociação, sendo a língua um dos principais meios de negociação, construção e manutenção de identidades. Nesse sentido, segundo Corbett (2003), o papel do aprendiz de língua estrangeira é compreender as crenças e práticas da cultura alvo.

A aquisição de uma LE bem como compreender as crenças e práticas culturais envolvidas na aprendizagem de LE não implicam ao aprendiz o abandono de sua cultura materna, o que acontece, em regra, é a aculturação através da LE em aprendizado. Corbett (2003) afirma que o processo de aculturação, ou biculturalidade, diz respeito ao desenvolvimento, por parte do aprendiz, de habilidades linguísticas e socioculturais na língua alvo sem perder sua própria cultura.

No entanto, a biculturalidade não é uma regra, segundo Grosjean citado por Faggion (2010), muitas pessoas, mesmo estando em contato com mais de uma língua, muitas vezes, não são biculturais, bem como muitas pessoas monolíngues podem ser biculturais. Para o autor, bilinguismo e biculturalidade não são vistos como coexistentes. Contudo, o autor afirma que a principal forma de transitar entre culturas acontece através da língua e que cada indivíduo incorpora elementos da outra cultura em maior ou menor grau, sendo comum a coexistência de várias culturas.

O aprendizado de uma LE requer esforço por parte do aprendiz que, além de aprender os aspectos linguísticos, deve atentar-se também para os fatores culturais que envolvem a língua. Além disso, à medida que o aprendiz entra em contato com a cultura da língua alvo, sua própria identidade começa a passar por mudanças, ou seja, o indivíduo começa a rever sua própria cultura identitária e agregar a ela elementos culturais adquiridos por meio da língua alvo. Segundo Contin (2009), “entrar no mundo de outra língua requer, então, um esforço para abrir espaço para uma identidade heterônima, ou seja, aquela que nos permitirá ‘ser outro(s)’ enquanto falamos uma língua estrangeira” (p. 52).

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

Em contextos de imersão no aprendizado de LE, é interessante observar que o aprendiz entra em contato diretamente com a cultura nacional, aumentando, assim, as possibilidades de agregar elementos culturais da língua alvo. É importante destacar que, nesse estudo, cultura nacional diz respeito aos discursos privilegiados que orientam a construção de sentidos e organização das ações e concepções dos indivíduos a respeito dos outros e de si (MENDES, 2009).

Em contexto de imersão de aprendizagem de uma LE, o aprendiz entra em contato também com maior repertório sociocultural, uma vez que o contato face a face apresenta diferentes realidades sociais e culturais do contexto da língua em aprendizagem, que estão muito além das possibilidades dos ambientes formais e virtuais de aprendizagem de uma LE. Desse modo, o aprendiz de uma LE não só entenderá os aspectos estruturais linguísticos, mas entenderá o que faz com que um nativo se manifeste linguisticamente de certa forma.

Entendemos, neste estudo, que os aspectos culturais influenciam de forma direta a aquisição de uma LE, bem como contribuem para o deslocamento identitário dos aprendizes, em nosso caso, os aprendizes de PLE em contexto de imersão. A seguir, apresentaremos as questões referentes ao deslocamento identitário e à influência do aprendizado de um LE nesse processo.

Formação da identidade e o ensino de língua

Em contexto de bilinguismo, são frequentes as discussões sobre a identidade, visto que o aprendizado de uma língua envolve desenvolvimento humano, formação identitária e questões culturais. Nesse sentido, faz-se relevante para este estudo, discorrermos sobre o conceito de identidade e a influência do aprendizado de uma LE na constituição das línguas. Segundo Baker (2006), a língua configura-se como símbolo da nossa identidade, no entanto, não deve ser vista como algo que nos define inteiramente, ou seja, um indivíduo não é brasileiro apenas por falar português, há outros elementos que o fazem ser brasileiro e que possibilitam a pluralidade identitária.

Hall (2005), em seu estudo sobre as questões de formação da identidade, propõe um novo conceito para identidade. Segundo o autor, na contemporaneidade, a identidade, o

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

termo identidade para ser mais específico, deve passar por um processo de ressignificação, à medida que não temos mais uma identidade única, centrada, mas sim várias identidades, formadas em deslocamento, em constante reformulação. Segundo o autor, “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2005, p. 08). Assim, para o autor, o termo identidade deve ser entendido como:

um ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por uma lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processo que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. (HALL, 2005, p. 111-112)

Desse modo, as identidades são constituídas pelas formações discursivas do social e por processos construtores de subjetividade, como a cultura, sendo estes pontos de encontro suturas responsáveis pelo deslocamento das identidades. Baker (2006) afirma que as identidades são formadas diariamente, sendo elas, de certo modo, impostas, negociadas e assumidas. Nesse sentido, o termo deslocamento explica o movimento de descentramento de algo único, estável e autônomo, por algo instável e plural. Segundo Hall (2005), a sociedade globalizada está em pleno processo de transformação, modificação, divisões, ou seja, são sociedades que estão o tempo todo em mudança, acarretando, assim, uma mudança constante no indivíduo, que está imerso em contexto sociocultural.

Pierce (1995) afirma que (no ensino de LE) a identidade deve ser vista como algo social, múltiplo e suscetível a mudanças. Sendo assim, defende a noção de investimento, que pressupõe que, quando o aprendiz de uma LE fala, ele está em constante reorganização da consciência, de como se relaciona com o mundo social e de quem ele é. Desse modo, através da noção de investimento, contemplamos a relação existente entre identidade e aprendizado de línguas, em que o aprendiz é detentor de uma identidade complexa e múltipla em constante transformação através do espaço e do tempo. Nesse sentido, sendo a língua parte constitutiva da cultura e das identidades, o aprendizado de uma LE coloca o indivíduo em deslocamento, à medida que, ao começar o aprendizado de LE, o sujeito coloca-se, paulatinamente, em contato com a cultura nacional da língua (partindo de um ensino de LE sociocultural).

Aprender uma LE é sempre tornar-se o outro, fazer parte da cultura do outro e, desse modo, transformar-se a si mesmo. Segundo Mendes (2009), pensar as identidades no

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

aprendizado e uma LE significa pensar sobre como as identidades dialogam para a “criação de zonas fronteiriças, de espaços ‘inter’, ‘entre’ ou os *entrelugares*” (p.764). Segundo a autora, ir à busca desses novos lugares não significa abandonar as identidades ou colocar-se em condição de escolha entre uma ou outra, mas sim assumir a atitude de busca de um lugar onde a minha existência e a do outro possam estar em interação e em busca da mútua compreensão.

Tratando de bilinguismo com falantes em contexto de imersão da LE, o confronto entre diferentes culturas é uma constante na constituição das identidades do falante na LE. Segundo Hall (2000), as identidades são construídas através das diferenças, da relação com aquilo que não é, daquilo que falta. Em contexto de imersão, o deslocamento com relação à cultura de origem é maior, podendo ocasionar, assim, maior sentimento de pertencimento à cultura nacional em que está inserido, pertencimento este que está relacionado diretamente com o domínio da LE. Quanto maior for o domínio, maior pode ser o sentimento de pertencimento e maior o sentimento de distanciamento da cultura nacional materna (MENDES, 2009).

Sendo assim, o sentimento de pertencimento à cultura brasileira, proporcionado pelo contexto de imersão dos aprendizes de PLE, é de extrema importância neste estudo, visto que buscaremos identificar os elementos da cultura brasileira que foram incorporados em suas culturas, em suas identidades, e que estes desejam manter mesmo depois de saírem do Brasil ao retornarem ao seu país de origem.

Contexto de pesquisa

Neste estudo, partimos da perspectiva qualitativa de cunho interpretativista para a construção e a análise de nossos dados. Tal metodologia permite-nos analisar de forma mais detalhada o contexto cultural em que os sujeitos de nossa pesquisa se encontram, além de permitir análise mais detalhada do fenômeno estudado.

Para a construção dos dados entrevistamos dois intercambistas de uma universidade pública brasileira. As entrevistas (semiestruturadas) foram feitas em locais previamente combinados com os participantes e foram gravadas em áudio mp3. Os critérios utilizados pelo pesquisador para a escolha dos participantes foram: estar no Brasil há mais de

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

seis meses e ter pretensão se ficar no país por mais de 2 anos. A seguir, o quadro que apresenta os participantes da nossa pesquisa.

Quadro I – Perfil dos participantes

Nome	Sexo	Nacionalidade	Idade	L1	Tempo no Brasil
Stuart	Masculino	Indiano	30 anos	Inglês/Tamil	8 meses
Ruscaia	Feminino	Alemã	35 anos	Alemão	1 ano

Ambos os participantes vieram para o Brasil por meio de intercâmbio e vão ficar no país por três anos. Stuart veio da Índia para fazer doutorado em Farmácia na Universidade Federal de Goiás, e Ruscaia veio da Alemanha para fazer doutorado em Engenharia Civil também na Universidade Federal de Goiás. Ruscaia é casada, e não tem filhos, seu cônjuge permaneceu na Alemanha. Stuart é solteiro e não trouxe nenhum parente para o Brasil.

Para a análise de nossos dados buscamos identificar os significados, através das falas dos participantes. Por meio da linguagem e dos processos de significação (VYGOTSKY, 2007), buscamos entender os confrontos existentes entre a cultura nacional dos participantes e a cultura brasileira. Segundo Bruner (1997), os significados, que são de extrema importância para o desenvolvimento humano, devem ser vistos, nesse contexto, como as interpretações estabelecidas pelo indivíduo através do confronto entre o pessoal e o coletivo. O caráter processual e dinâmico do significado é estabelecido através do confronto entre as instâncias pessoais e coletivas, e é também a partir dessas instâncias que os significados se desenvolvem.

Análise de Dados

Nessa parte do nosso estudo, apresentaremos nossas interpretações a respeito do contato entre línguas, sujeitos e culturas. Demonstraremos, inicialmente, como se deram os primeiros contatos entre nossos interlocutores e a língua portuguesa. Em seguida, abordaremos dois eixos interpretativos: o primeiro deles diz respeito às situações de bilinguismo; o segundo aborda questões culturais e identitárias.

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

Antes de virem para o Brasil, ambos os participantes de nosso estudo fizeram parte de um processo de seleção para cursarem doutorado aqui no país. É interessante observar que, nos processos de seleção, não tinha como requisito para a escolha dos participantes a proficiência em língua portuguesa; tudo foi feito em inglês, desde o preenchimento dos formulários até a elaboração do projeto.

Ruscaia, antes de pensar em fazer intercâmbio no Brasil, havia começado a estudar a língua portuguesa por interesse pessoal. Ela conta que começou a ter aulas de português em 1994. As aulas começaram com um grupo de 20 pessoas e duraram 4 anos. Ela conta que, no início, sentia dificuldade, pois fazia muita confusão entre o português e o francês (língua que já havia estudado). No entanto, passados esses quatro anos, ela não estudou português com frequência e seu contato formal com a língua passou a ser mediado por cursos de verão, mas nada frequente ou sistemático, o que fez com que, segundo Ruscaia, ela esquecesse muitas coisas, sendo considerada a sua vinda para o Brasil o verdadeiro ambiente de aprendizado.

“As aulas foram uma vez por semana em um grupo com 20 pessoas. No começo eu ‘teve’ um pouco de dificuldade, eu confundia muito francês e português. Só que depois de um tempo foi muito bom. O professor era brasileiro, do Rio de Janeiro”. Só que aprender a falar eu aprende aqui. Lá era de vez em quando, era divertido, aqui a coisa é seria, é de verdade. Ruscaia

Stuart, quando ficou sabendo que havia sido aceito no programa de doutorado aqui no Brasil, comprou alguns livros pela internet (gramáticas e dicionários), no entanto, devido a falhas na entrega o material chegou quinze dias antes de sua vinda. Durante esse tempo, ele procurou cursos pela internet, contudo não gostou dos cursos oferecidos. Notamos assim que Stuart começou a realmente aprender português depois que chegou ao país. Sendo assim, o Brasil pode ser considerado praticamente o primeiro ambiente de aprendizado de língua portuguesa para Stuart.

I couldn't find the good teacher or courses to teach the Portuguese language. But finally, I got it from the university to teach the language. Stuart

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

Situações bilíngues

Conforme proposto por Grosjean (2010), percebemos que ambos os participantes de nosso estudo podem ser considerados bilíngues. Tal afirmação deve-se ao fato de os dois estarem diariamente envolvidos em situações comunicativas que requerem mais de uma língua.

Ruscaia, quando chegou aqui sempre procurou falar em português com as pessoas. Ela conta que sentia dificuldade, pois as pessoas queriam que ela falasse em inglês ou em alemão.

Foi divertido no começo 'a cá' no Brasil. Os meus colegas ficavam pedindo pra eu 'falo' em alemão ou inglês. Eu 'falo', só que depois eu passei a não gostar mais... eu tenho que falar português. Quando eu saio sem ninguém eu falo em português e não em.... em... alemão ou inglês. Ruscaia

Percebemos que Ruscaia procura sempre falar em português com brasileiros, tanto com amigos, professores e pessoas que não fazem parte do meio acadêmico e o alemão ou as outras línguas são usadas em leitura e para falar com amigos e família que vivem na Alemanha. Já com Stuart, não percebemos esse mesmo tipo de atitude, pois, apesar de compreender bem português, ele diz não se sentir à vontade para falar a língua.

Eu não gosta... consigo de falar em português. It is hard to me... I spend a long time to say words in portuguese. But... and everyone talk English. Stuart

Durante toda a entrevista com Stuart, era frequente a alternância entre português e inglês. As sentenças produzidas em português por Stuart eram muito simples e curtas, contudo ele compreendeu tudo aquilo que foi perguntado e dito em português pelo pesquisador. Stuart diz que, na igreja que frequenta aqui no Brasil, precisa falar mais em português e que depois que começou a frequentá-la desenvolveu bastante seu vocabulário, no entanto ainda não se sente seguro. Assim, relata que usa português em ambientes não acadêmicos, como a igreja, o inglês usa no meio acadêmico e tâmil com a família.

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

Mesmo com diferentes atitudes e com diferentes repertórios linguísticos e línguas maternas, diferenças significativas nos contextos de uso, ambos os participantes são considerados bilíngues, primeiro por já estarem em contato diariamente com mais de uma língua em seu país e agora, o que mais nos interessa, por estarem com contato com português e outras línguas diariamente, confirmando assim, a proposta de bilinguismo feita por Grosjean (2010). Assim, é importante ressaltar que ambos os participantes chegaram ao Brasil com a cultura de aprender línguas, mesmo que não dominassem a língua portuguesa.

Em ambos os casos, podemos perceber que a grande disponibilidade do brasileiro em querer conhecer uma LE fez com que o aprendizado da LE dos estrangeiros fosse dificultado. Como relatado por Ruscaia, os brasileiros querem se comunicar em inglês ou em alemão, colocando o português em segundo plano. Já Stuart afirma que, na maioria dos ambientes (principalmente acadêmico), as pessoas falam com ele em inglês, fazendo com que ele não sinta necessidade de falar português. Os dados apresentados até aqui reforçam a proposta de Gorsjean (2010) em que o aprendiz desenvolve a LE conforme sua necessidade e o seu contexto de uso, uma vez que, mesmo tempo semelhante de residência no Brasil, os participantes apresentam grande diferença em seus repertórios linguísticos.

Relações interpessoais entre estrangeiros e brasileiros e o sentimento de pertencimento à cultura brasileira

Nesta parte do trabalho, discutiremos acerca das relações interpessoais e dos elementos culturais que chamaram a atenção e interferem na identidade dos indivíduos.

Ruscaia relata que o primeiro aspecto que lhe chamou a atenção na cultura brasileira é a alegria do povo. Segundo ela, as pessoas quando se encontram, antes de se cumprimentarem já sorriem, o que não é comum no país dela. Tal hábito fez com que, no início de sua estadia aqui no Brasil, ela fosse considerada mal-educada ou rude, já que não sorria para as pessoas ao encontrá-las. No entanto, com o tempo, Ruscaia foi incorporando esse hábito cultural e que hoje ela já sorri todas as vezes que encontra uma pessoa conhecida. Nas palavras dela:

“As pessoas aqui são ‘alegre’ ao chegarem eh... quando eu chegava nas casas ou na aula todo mundo sorria e eu não. Pensava que eles ‘era estranho’. Só que percebi que é uma coisa brasileira, ‘sorri’ é

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

brasileiro. Ai eu comecei a 'sorri'. Eu não queria ser sem educação. Minha amiga falava 'olha você deve dar uma risadinha quando chegar na casa da pessoa ou ver ela na primeira vez' Isso é muito divertido". Ruscaia

Nesse trecho, percebemos que um hábito da cultura brasileira foi incorporado por Ruscaia e começou a fazer parte dos seus hábitos. Identificamos, com isso, a disponibilidade da participante em pertencer à cultura brasileira através da prática dos hábitos culturais. Sade (2009) afirma que o ser humano, enquanto ser social, situa-se em práticas sociais que orientam as ações e seu comportamento e ao mesmo tempo reconstruem essas práticas sociais constituindo assim um movimento dialético entre sujeito e práticas sociais. Outro elemento da cultura brasileira que foi incorporado por Ruscaia foi a forma linguística de cumprimentar. Segundo ela, o “tudo bem” não faz parte do cumprimento rápido (em seu país) entre as pessoas, como acontece aqui no Brasil.

“O 'tudo bem' é maneiro (risos). Na Alemanha não falamos tudo bem. Lá só... só dizemos olá. Aqui o 'tudo bem' eh... ou eh... 'ce ta boa' (risos) é como dizer oi. Isso eu acho legal, isso eu quero continuar falando na Alemanha”. Ruscaia

Quanto às relações interpessoais, Stuart relata que os brasileiros são um pouco preconceituosos. Segundo ele, ele percebe que as pessoas não conversam com ele devido a sua nacionalidade e a cor de sua pele o que dificulta o aprendizado de português, pois ele se sente inibido por esse comportamento.

“Eu eh.... não fala muito com as pessoa hoje em português. Elas não gostam muito do indiano.... povo indiano. Minha pele.... Black skin. Eu... Eu.... I'm...”. Stuart

O participante não conseguiu lembrar, durante a entrevista, nenhum momento específico que demonstrasse tal atitude dos brasileiros, no entanto afirmou que tal atitude acontecia. Outro conflito cultural encontrado com Stuart foi o hábito brasileiro de comer carne bovina. Stuart relatou ter estudado a respeito dos hábitos culinários do brasileiro antes de vir para o Brasil, no entanto, ele não pensou que seria tão comum e tão frequente. Para ele, esse hábito cultural é um grande problema, pois, mesmo ele sendo cristão, não come carne bovina devido à tradição religiosa de seu país.

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

“Fico... hã... ruim em ver comer carne da vaca. Isso eu não faz. Isso me deixa..... hã....”

Contudo, mesmo com tais diferenças, Stuart conseguiu identificar elementos de sua cultura na cultura brasileira. Segundo ele, a relação familiar aqui no Brasil é muito parecida com a do seu país.

“Like in India Brazilians, as a nation, focus much importance on the family structure and the values that are entrenched within that institution. Families are usually large, and even extended family members are close with me more time, providing much-needed help and support to each other whenever and however necessary”. Stuart

Nas falas de Stuart, percebemos que existe maior confronto entre as diferenças culturais, apesar das possíveis semelhanças. Nesse caso, o sujeito não assimilou elementos da cultura brasileira à sua identidade. O que percebemos é o confronto direto e a dificuldade em aceitar, em incorporar em sua identidade aquilo que é diferente, até mesmo a língua portuguesa, que não é usada com frequência por ele. Nesse caso, o confronto entre as culturas não contribuiu para o deslocamento identitário como proposto por Hall (2008), mas sim para maior identificação com a sua cultura nacional. No entanto, apesar dos vários confrontos, Stuart ressalta que encontra vários aspectos da cultura indiana na cultura brasileira. Segundo ele, a cultura brasileira é formada por um ecletismo enorme, pela junção de vários povos e que, por isso, é fácil encontrar elementos da cultura indiana.

“The culture of Brazil presents a very diverse nature showing that an ethnic and cultural mixing different countries; it is one of the world’s most varied and diverse”. Stuart

Apesar dessa afirmação, percebemos que Stuart incorpora muito pouco da cultura brasileira em sua identidade. O que não acontece com Ruscaia, que faz questão de participar dos movimentos culturais brasileiros, como o futebol. Segundo ela:

“Eu foi ai estádio assistir um jogo. Foi muito divertido. Depois nos fomos para a casa de uma amiga. Lá tinha churrasco e eu achei legal. O churrasco daqui tem fumaça, lá na Alemanha não tem fumaça. Eu

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

achei estranho no começo, só que minha amiga falou que churrasco desse tipo é mais gostoso. Eu quero conseguir fazer isso lá na Alemanha para meu esposo. Ele vai gostar, é muito bom, eu quero comer todo dia”.

Ruscaia

Percebemos que Ruscaia, além de absorver os elementos da cultura brasileira à sua cultura, pretende levar alguns elementos para o seu país e compartilhar com sua família. Notamos, nessa atitude, o deslocamento identitário proposto por Hall (2008) na medida em que Ruscaia entra em contato com uma nova cultura e deseja propagar e manter esse elemento cultural, bem como com aquilo que Pierce (1995) afirma ser uma identidade suscetível a mudanças. O que não acontece com Stuart, visto que este, quando questionado sobre quais elementos da cultura brasileira deseja levar para a Índia e compartilhar com seus familiares, responde:

“I don’t know. I think nothing (risos)”. Stuart

Considerações finais

Discutir questões identitárias e a aquisição de uma LE faz com que reflitamos sobre o quanto os aspectos culturais de uma nação influenciam na aquisição de uma língua e quão variadas interpretações poderemos ter desses aspectos conforme os sujeitos e suas nacionalidades, não sendo possível generalizar em questões identitárias e culturais.

Neste estudo, percebemos que o deslocamento identitário proposto por Hall (2008) e as possíveis mudanças propostas por Norton Pierce (1995) acontecem em situações de imersão em contexto da LE e podemos perceber, através do discurso de Ruscaia, que tais elementos, quando bem aceitos e incorporados em sua identidade, contribuem de forma positiva para o aprendizado da LE.

Entretanto, quando existe pouca identificação com a cultural local e a pouca ocorrência da atitude de deslocamento identitário em incorporar elementos da cultura local, quando as diferenças existentes são maiores do que a capacidade de resignificação, de transformação cultural de um sujeito, identificamos que os elementos culturais tão diferentes dificultam o processo de aquisição da LE, como no caso de Stuart.

Desse modo, devido ao grande número de interpretações e múltiplas identidades existentes, percebemos que generalizações devem ser evitadas em estudos que envolvem

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

bilinguismo e/ou aprendizagem de LE, cultura e identidade. As generalizações podem nos levar a falsas conclusões equivocadas que podem influir diretamente na forma de ensinar ou aprender uma LE.

REFERÊNCIAS

- BAKER, C. Bilingualism and bilingual education: ideology, identity and empowerment. In: BAKER, C. **Foundations of bilingual education and bilingualism.** Great Britain: Multilingual Matters, 2006. p. 399-420.
- CONTIN, A. Aprendizagem de língua estrangeira e identidade sociocultural: conflitos e transformações do aprendiz. In: MENDES, E; ALVAREZ, M. L. O. (ORG). **Contextos brasileiros de pesquisa aplicada no âmbito da linguagem.** Salvador: Quarteto, 2009. p. 51-59.
- CORBETT, J. **An Intercultural Approach to English Language Teaching.** Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- CRUZ, D. T. Cultura e alienação no ensino de línguas estrangeiras. In: TAVARES, R. R. (Org). **Linguagem em uso.** Maceio: Edufal, 2009. p. 145-168.
- FAGGION, C. M. Bilinguismo e cultura. In: FROSI, V.M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas.** Caxias do Sul: Educus, 2010. p.99-120.
- GARCIA, O. Bilingualism and translanguaging. In: GARCIA, O. **Bilingual education in the 21st Century: a global perspective.** United Kingdom: Willey-Blackwell, 2009. p.42-71.
- GROSJEAN, F. **Bilingual Life and Reality.** Harvard University Press, 2010.
- GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Trad. Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG.** ano X nº 5. Goiânia: Editora da UFG, 2008. p.163-176.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 2005.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, T.T. da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p.103-133.
- KRAMSC, C. **Context and Culture in Language Teaching.** Oxford: Oxford, 1993.
- MENDES, E. Ainda a identidade: algumas reflexões sobre o ensino de línguas em ambiente intercultural. In: MENDES, E; ALVAREZ, M. L. O. (ORG). **Contextos brasileiros de pesquisa aplicada no âmbito da linguagem.** Salvador: Quarteto, p. 757-765, 2009.
- PIERCE, B. N. Social identity, investment, and language learning. TESOL QUARTERLY, v. 29, n.1, **Spring** 1995, p.9-31.
- SADE, L. A. Identidade e aprendizagem de inglês pela ótica da complexidade. In: PAIVA. V. L. M. O; NASCIMENTO, M. **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFGM, 2009. p. 205-226.

FARIA, Pedro Henrique Andrade de. **BILINGUISMO E IDENTIDADE: a influência da cultura local nos aprendizes de LE em contexto de imersão.**

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1934), 2000.

Recebido em 13/12/2022

Aprovado em 28/03/2023